



A invenção da solteirona

APRESENTAÇÃO DO LIVRO DE
CLÁUDIA MAIA

16 NOVEMBRO 2023
18:00

A apresentação do livro far-se-á com uma roda de conversa, onde participam várias/os especialistas desta temática.

A apresentação será seguida de um momento musical e um Porto.

Livraria LerDevagar
Casa do Comum do Bairro Alto
Centro Cultural do Bairro Alto
Rua da Rosa, 285
Lisboa





O livro **A Invenção da Solteirona**, de Cláudia Maia, alia a epistemologia feminista à proposta de uma história genealógica formulada por Michel Foucault para compreender como se deu a invenção discursiva da solteirona no Brasil e os aspectos que acompanharam essa construção, tais como o casamento, a sexualidade reprodutiva e a família conjugal, percebidos como estratégias centrais do Estado para exercer o controle sobre a vida cotidiana e os corpos das mulheres. Nesse contexto, a autora busca responder por que mulheres que experimentaram formas de vida solitária, vivendo e morrendo sem qualquer tipo de vínculo conjugal ou de prática sexual socialmente reconhecida, não encontraram representação positiva de suas experiências.

Na tentativa de responder a essa inquietante questão, a historiadora percebe na documentação analisada a constituição de um dispositivo de saber-poder e de controle-coerção que opera, por um lado na criação de um modelo naturalizado e universalizado de feminino, definido por um destino social (o casamento) e biológico (maternidade), apresentado como único caminho para a felicidade e realização feminina; e, por outro, produz a abjeção e a anormalidade daquelas que se desvencilhavam ou se recusavam categoricamente a seguir o destino desenhado para a maioria das mulheres. Esse dispositivo foi nomeado, na obra, como “dispositivo da solteirona”.

A autora compreende, a partir desse *modus operandi*, que o campo discursivo em que emergiam os discursos responsáveis pela criação da imagem da mulher/esposa feliz, realizada, com direito a “escolher” o marido, ao amor romântico, ao prazer sexual e a reinar sobre uma casa moderna e racional, também produzia, por oposição, a imagem da solteirona (a “moça velha” que “ficou pra titia”) como uma mulher invejosa, infeliz, desprezível, risível, neurastênica, digna de misericórdia.

A solteirona nasce, assim, como um sujeito marginal e outrificado. Se em outros contextos históricos a “solteira” era apenas um status jurídico ou uma condição de desprestígio social, com o discurso científico-moral da modernidade brasileira – sobretudo a partir segundo quartel do século XIX –, a solteirona passou a ser um desvio da natureza, uma anomalia social. A campanha de “terror moral” levada adiante através desse estereótipo visava, portanto, coagir as mulheres ao casamento legalmente constituído, por meio do qual seu trabalho, seus bens, sua autonomia e sua vida seriam mais facilmente controlados.

A primeira edição brasileira do “Invenção da Solteirona” foi publicada há 12 anos. Infelizmente, apesar de todos os avanços dos feminismos, o livro permanece bastante atual em seu conteúdo, especialmente no se refere aos processos de assujeitamento das mulheres, embora o fantasma da solteirona já não aterrorize as mulheres, como no passado.